

ALEISTER CROWLEY NO ESOTERISMO OCIDENTAL E EM GRUPOS MÍSTICOS BRASILEIROS:

UMA INTERPRETAÇÃO PÓS-MODERNA

por Ivan Alexander Mizanzuk
Mestrando em Ciências da Religião na PUC-SP
E-mail: ivan_coxa@hotmail.com

Grupo de Pesquisa: As Novas Religiosidades na Sociedade Brasileira

Primeiramente, acredito que a melhor maneira de iniciar esta apresentação é dizer o que não vou falar sobre Crowley. Muitos os conhecem como “satanista”, “drogado”, “matador de crianças”, entre tantos outros títulos de repulsa. Contudo, poucas pessoas sabem o quanto disso é realmente verdadeiro, o quanto foi inventado e, principalmente, pouquíssimos conhecem algo sobre seus escritos esotéricos. É para sanar este último ponto que desejo lhes falar hoje. Portanto, não entrarei profundamente em questões sobre os abusos de Crowley com as drogas, por exemplo, pois basta dizer aqui que ele era um boêmio do início do século XX, fortemente influenciado pelo movimento romântico e pelo pensamento libertino, e que não via razão para seguir certas normas da sociedade. Além disso, seu vício com heroína, por exemplo, se deu em grande parte devido à sua asma, que na época era tratada com drogas pesadas.

Sobre as acusações de ele ser Satanista ou adorador do Diabo, basta dizer que ele não acreditava no Diabo, e deixa isso bem claro no seu livro *Magick: Book Four*. Para ele, o Diabo era uma construção infantil, criada por alguns cristãos mal-intencionados que desejavam controlar a população através do medo.

Tendo estes pontos esclarecidos, que são geralmente os pontos que causam grande preconceito àqueles que nada conhecem de Aleister Crowley, e que o torna até hoje um grande tabu no meio acadêmico, passarei agora a dar uma pequena biografia e explicações sobre sua doutrina mágica, a *Thelema*.

BIOGRAFIA – INÍCIO DA THELEMA

Nascido Edward Alexander Crowley em 12 de Outubro de 1875, na cidade de Royal Leamington Spa, em Warwickshire, Inglaterra, recebera desde pequeno uma educação duramente cristã, mais precisamente proveniente do ramo mais radical da Irmandade Plymouth. Seu pai, Edward Crowley, era um pregador muito bem conhecido e admirado pela comunidade. Era considerado um grande líder espiritual, e frequentemente levava seu filho consigo em viagens por toda a Grã-Bretanha, o que gerava grande admiração do pequeno Aleister pelo pai. Durante esses anos, Crowley recebia intenso estudo bíblico, tornando-se versado em diversas passagens.

Em 5 de Março de 1887, seu pai morreu de câncer de língua. Se sua relação com o pai era de admiração e respeito, especialmente devido às suas qualidades como líder religioso, o mesmo não se pode dizer de sua mãe, Emily Bertha Bishop, que ficou encarregada de cuidar de sua educação. Crowley começara a questionar toda sua severa educação cristã e, por mais que Emily tentasse manter o filho sob a doutrina cristã, isso só servia para aumentar seu ceticismo. Uma parte significativa dessa relação conturbada com a mãe se dá no ponto em que ela, já farta de toda rebeldia do filho, passou a chamá-lo de “A Grande Besta”, referência direta do livro do Apocalipse, que passou a se tornar o livro bíblico predileto de Crowley. Mais tarde, Crowley adotou “A Grande Besta 666” como seu *moto*, seu nome mágico.

Com a morte do pai, Crowley recebeu uma grande herança, que serviu para sustentá-lo durante boa parte de sua vida. Dedicou-se (e destacou-se) em diversas atividades, como alpinismo, xadrez e poesia. Em 1895, chegou a cursar a Trinity College, em Cambridge, primeiramente em filosofia e depois em literatura

inglesa. Publicou vários livros nesta época, quase todos de poesia erótica, e todos financiados pelo dinheiro que recebera da herança do pai.

Viveu grandes momentos em Cambridge. Mas, com o tempo, passou a discordar severamente de algumas atitudes da Universidade, e largou-a antes de se formar. Em uma de suas autobiografias, intitulada *O Equinócio dos Deuses*, Crowley insinua que sabia mais do que os professores, e por isso se recusara a continuar lá.

Pouco antes de deixar Trinity College, Crowley começou a se interessar por livros de Alquimia e Magia. Dizia ele que o papel de um embaixador ou de um poeta, profissões que ele pensava em seguir durante seus anos universitários, seriam de reconhecimento muito baixo, e que, portanto, deveria buscar outros meios para se fazer conhecido. O meio encontrado foi o da religião, mais especificamente no sentido de questionar o pensamento religioso vigente – o cristianismo.

Em seus primeiros passos com literatura ocultista, entrou em contato com obras de Arthur Waite e S.L. MacGregor Mathers. Deste último, mais especificamente, leu a tradução de *Kabbalah Desnuda*, originalmente de von Rosenroth, um clássico da literatura esotérica ocidental.

Através de contatos em comum, conheceu George Cecil Jones, o responsável por apresentá-lo à *Hermetic Order of Golden Dawn*, a *Ordem Hermética da Aurora Dourada*, uma sociedade secreta influenciada diretamente pela franco maçonaria, Teosofia e a *Societas Rosicruciana in Anglia* (S.R.I.A.), uma sociedade Rosacruz. A *Golden Dawn* contava com figuras ilustres, como o escritor Bram Stoker, o poeta W. B. Yates e o escritor de ocultismo S. L. Mathers. Como nome mágico, Crowley assume o moto *Perdurabo*, significando “eu perdurarei até o fim”.

A *Golden Dawn* é tida por muitos como a mais importante sociedade esotérica da época, especialmente pela revitalização de diversas tradições mágicas européias. Os estudos provenientes de lá acerca de assuntos como Magia Enoquiana, Teurgia, Goécia, Abramelin, Tarô, entre outros, são profundamente estudados até hoje.

É a partir dos ensinamentos da *Golden Dawn*, e principalmente da influência de dois membros, Alan Bennet, conhecido por ter trazido muito do Budismo para o Ocidente, e S. L. MacGregor Mathers, que Crowley passou a montar seu próprio sistema de Magia – sua religião *Thelema*.

Muitos foram os fatores que fizeram Crowley sair da *Golden Dawn*, mas basta deixar registrado que ele avançou muito rapidamente pelos graus da ordem, atingindo o chamado “Colégio Interno”, um alto grau da ordem, em pouco mais de um ano, o que causou grande revolta por alguns membros, que não reconheciam o grau de Crowley.

Em 1904, anos após sua saída da Ordem, Crowley estava em lua de mel com sua esposa, Rose Edith Kelly, no Egito. Em determinado momento da viagem, Rose disse ter recebido mensagens do deus egípcio Hórus, nas quais era ordenado à Crowley que comparecesse em determinado templo em um determinado horário por 3 dias consecutivos. Ao obedecer as mensagens de Rose, após uma devida verificação de validade das mensagens, Crowley compareceu no local e horários marcados, onde lhe foi ditado por uma entidade chamada Aiwass um documento chamado *O Livro da Lei* – um livro que seria o guia para a humanidade, montado pelos Chefes Secretos que regem o destino da Terra.

No *Livro da Lei* há algumas diretrizes das quais a humanidade deveria seguir, como forma de melhor compreensão sobre as mudanças dos tempos. Ele é dividido em 3 capítulos, e a narrativa é baseada no panteão egípcio.

É dito no *Livro da Lei* que é chegado o fim de uma Era, a Era de Osíris, do deus sacrificado, representado principalmente na figura de Cristo, que viera substituir a Era de Ísis, a Era da nutrição. Agora, é

chegada a Era de Hórus, o deus da guerra, “a criança conquistadora”, que virá ocupar o lugar do Pai (Osíris) e da Mãe (Ísis).

Esta “Nova Era”, baseada nas funções divinas de Hórus, podem ser definidas por alguns axiomas principais, contidas logo no primeiro capítulo do Livro:

“Todo homem e toda mulher é uma estrela” (Livro da Lei: Capítulo I, 3)

“A palavra da Lei é *Thelema*”¹ (Livro da Lei: Capítulo I, 39)

“Faze tua Vontade há de ser o todo da Lei”² (Livro da Lei: Capítulo I, 40)

“Não tens direito além de fazer a tua Vontade” (Livro da Lei: Capítulo I, 42)

“Amor é a Lei, Amor sob Vontade” (Livro da Lei: Capítulo I, 57)

Sendo *Vontade* o conceito-chave de todo o Livro, deve-se ter em mente que *Vontade* não quer dizer aqui o mesmo que *desejo*. Este é fruto da consciência, enquanto que aquela seria a expressão mais profunda da alma. Em um paralelo com um conceito do senso comum cristão, pode-se tomar *Vontade* como “a missão de alguém na Terra”. Segundo o *Livro da Lei* então, todo homem deve descobrir sua própria *Vontade* e, quando a tiver descoberto, deve cumpri-la como direito que lhe é dado pelo cosmos.

Tomando o axioma “Amor é a Lei”, tem-se que somente é possível cumprir com a Lei através do Amor; e sendo “Amor sob Vontade”, tem-se que todo ato de Amor deve estar regido pela Vontade. Além disso, Crowley define “Amor” não mais no sentido de “amor ao próximo”, como no pensamento cristão. Para Crowley, “Amor” deve ser tomado como “Movimento da Vontade para Mudança”. Logo, Amor, em *Thelema*, pode ser compreendido como a *aceitação da condição de mudanças constantes* que a vida impõe ao ser humano.

Não apenas isso: sendo todo homem e toda mulher uma estrela, ou seja, sendo cada um de nós o centro de todo um sistema, cada um tem uma “órbita” própria. E para que um não invada a órbita de outro, é necessário conhecer a própria Vontade, pois é ela que guiará cada um em seu caminho próprio. Estando em conformidade com a própria Vontade, e aceitando as mudanças necessárias para que ela se efetive, o homem assume assim o seu status de Estrela, centro de um Universo – um Deus.

CONCEITOS-CHAVE DA THELEMA

Ao decorrer de sua vida, após o evento no Egito, Crowley passou a desenvolver uma série de trabalhos sobre Magia, sempre em concordância com a sua doutrina, *Thelema*. Se auto-proclamando “o profeta do novo Aeon”³, Crowley realizou uma grande contribuição ao Esoterismo Ocidental especialmente por duas áreas:

-no Tarô, ele resolveu alguns problemas que vinham sendo denunciados por ocultistas anteriores, incluindo Eliphas Levi, Papus e Waite. Sua reestruturação do Tarô é considerada por muitos estudantes atuais de Magia como sendo em perfeita conjunção com o sistema Cabalístico e a Astrologia, duas bases teóricas fundamentais do oráculo;

-na Magia Sexual, ele foi responsável por uma vasta produção em sincretismo do Tantra oriental com o sistema de Magia Ocidental.

¹ *Thelema* é grego para “Vontade”.

² A tradução em Português “oficial” para esta passagem, feita por Marcelo Motta, é “Faze o que tu queres há de ser o todo da Lei”, sendo o original em Inglês “Do what thou Wilt shall be the whole of the Law”. Como a tradução em Português oficial abdica da palavra “Vontade” (Wilt) por questões iniciáticas, e tendo em vista que o objetivo do presente texto é apresentar a *Thelema* àqueles que a desconhecem, resolvi fazer uma tradução própria que facilitava mais a compreensão de um conceito chave na doutrina de Crowley.

³ “Aeon” é uma Era, um período de tempo, que dura em média 2000 anos.

Não é exagero algum dizermos que, dado o momento histórico em que Crowley viveu, tendo recebido o *Livro da Lei* em 1904 e falecido em 1947, o que mais chamou a atenção no trabalho de Crowley foi o seu trabalho com Magia Sexual. Tendo aprendido Yoga e Tantra, Crowley desenvolveu seu sistema de Magia como sendo uma junção destas com a Magia Cerimonial tipicamente Européia. Segundo Crowley, a Yoga ajudaria a focar a mente em um objetivo bem específico, enquanto que a Magia Cerimonial, o Ritual Mágicko, tornaria o objetivo em realidade.

Já o tantrismo de Crowley, chamado também de “o caminho da mão esquerda”, ou seja, que, ao contrário do “caminho da mão direita”, utiliza-se de atos sexuais como forma de evolução espiritual, fora muito mal visto pela sociedade vitoriana em que ele se encontrava. Isso também não era algo indesejável: Crowley gostava de sua fama de “o homem mais perverso do mundo”, como alguns tablóides ingleses o chamavam, e freqüentemente escrevia suas fórmulas e rituais mágickos em códigos que somente iniciados seriam capazes de interpretar corretamente. Aqueles que não compreendessem os códigos, ficariam horrorizados com a passagem.

Um dos exemplos mais famosos dessa forma de escrita em código da qual Crowley se utilizava, e que constantemente o colocava em problemas com a sociedade vitoriana, pode ser encontrado em seu livro *Magick: Book Four*. Em determinada passagem, Crowley fala sobre determinada fórmula de magia sexual, e usa as palavras “sangue”, “morte” e “matar” por “sêmen”, “êxtase” e “ejaculação”.

Outro ponto diferencial na doutrina de Crowley é o conceito de “Sagrado Anjo Guardião”, também chamado de SAG. Retirando este conceito do grimório *A Magia Sagrada de Abramelin*, Crowley definia o SAG como sendo um Mestre Secreto do qual é possível entrar em contato após certo grau de evolução espiritual. Através deste contato, seria revelado ao magista a sua Verdadeira Vontade, o que o permitiria cumpri-la devidamente. No caso de Crowley, a entidade Aiwass que lhe apareceu no Egito, e ditou-lhe o Livro da Lei, seria o seu Sagrado Anjo Guardião.

Hoje em dia, há muitos Thelemitas que consideram o SAG como sendo “a essência última do ser”, o “Verdadeiro Eu”, o “Self”, etc. Contudo, Crowley deixou bem claro em seu livro *Magick Without Tears* que o SAG é um “ser objetivo”, ou seja, que existe independente da humanidade. Apesar da discussão existir, os thelemitas costumam evitá-la ao dizer que “sendo o SAG uma entidade externa ou não, o método funciona”. Essa é uma característica muito forte no sistema de Crowley: aquilo que não funciona, não serve, e o único meio de saber se algum ritual funciona é realizá-lo.

Apossando-se da simbologia e ritualística do Abramelin, e unindo com seus conhecimentos prévios, Crowley dizia que o objetivo do homem é evoluir espiritualmente para adentrar o Colégio Interno, uma espécie de “templo astral” onde os Mestres Secretos (o SAG é um deles) se encontram, ser guiado pelo próprio SAG até um novo estágio de evolução e, em dado momento, o indivíduo deve despedir-se de seu próprio Anjo e realizar um ato chamado de “A Travessia do Abismo” – um ato que representa um estágio de evolução na qual o homem deixará de ser meramente humano e assumirá a sua condição de “Deus”, seguindo assim uma máxima thelêmica, encontrada no Líber OZ, outro importante livro de Thelema, que diz que “não há Deus senão o homem”. Todo o processo de se entrar em contato com o SAG é chamado de “Conhecimento e Conversação com o Sagrado Anjo Guardião” (C.C.S.A.G.).

Tendo este conceito de *Vontade* e SAG definidos, Crowley montará sua própria concepção para o termo Magia. Primeiramente, ele adiciona a letra “k” na palavra inglesa “Magic”, como forma de distinguir a “verdadeira Magia” daquela que é praticada em circos. Isso se deu obviamente pelo fato de que em inglês não há diferença entre “Magia” e “Mágica” – a mesma palavra, Magic, serve para expressar as duas coisas. Além disso, há também um sentido oculto neste “k:

O *k* saxão, adicionado ao *c* em *Magick*, foi aqui usado por ele [no livro *Magick: Book Four*] pela primeira vez, para ligar sua linha com a Ciência da Magia, opostamente a meros truques de conjuração. Ele tem também um significado secreto, pois *k* representa *kteis*, grego para as genitálias femininas, as quais estavam agora representando uma grande parte das operações mágicas de Crowley.⁴

Cunhou-se assim então o termo *Magick*, que Crowley definia como “todo ato capaz de causar mudanças em conformidade com a Vontade”. Logo, a Magia em Crowley pode ser desde tomar um café até fazer um ritual de evocação angélica – desde que ambos os atos estejam de acordo com a Vontade, eles são atos mágicos.

Tendo em vista então todo esse método montado por Crowley, e todo o seu uso em diversos sistemas ocultos, é notável uma inovação para a época: a falta de imagens religiosas fixas. Apesar de se utilizar extensivamente das imagens do panteão egípcio, em seu sistema de magia não há uma rigidez quanto a sistemas simbólicos que devem ser usados. Aliás, Crowley deixa bem claro que qualquer sistema simbólico religioso pode ser adaptado para a realização de um ritual thelêmico. Como exemplo claro disso, podemos citar a biografia escrita por John Symonds, intitulada *The Great Beast – The Life and Magick of Aleister Crowley*, na qual o autor destaca um trecho de um dos diários de Crowley, onde ele ponderava sobre a possibilidade de invocar Jesus Cristo em algum de seus rituais, tendo em vista que ele é “um Deus como outro qualquer”⁵.

Mas apesar dessa falta de símbolos fixos, Crowley demonstra grande afeição pelos sistemas politeístas e pelo espírito pagão. Ele desejava restaurar o espírito pagão na sociedade, e seus ritos diários de adoração ao Sol são um exemplo disso. Além disso, ele costumava dizer que “as pessoas estão cansadas de adorar deuses hipotéticos”. Daí sua doutrina ser centrada no homem como um Deus, na idéia de que o homem fez Deus de acordo com sua própria imagem, de que não há nada nos deuses que não há no homem, assim como na sua relação com os Astros, etc.

Sobre sua metodologia em si, Crowley tinha um lema: “o método da Ciência, o objetivo da Religião”. Ele acreditava que era necessário uma constante observação de experimentos mágicos, que deveriam ser registrados em um diário de forma mais detalhada possível.

SOCIEDADES THELÊMICAS

Quando vivo, Crowley se dedicou especialmente em 2 sociedades que serviram como veículo para sua *Thelema*:

– a *Argentvm Astrvm* (A.’A.’) – uma ordem cósmica que não possui representação no plano físico. É nela que ocorre a verdadeira transmutação da alma, a verdadeira evolução espiritual. É dividida em 10 graus e, para fazer parte dela, o interessado deve conhecer algum iniciado que possa conduzi-lo. Por não possuir espaço físico, impossibilitando assim o contato com outros thelemitas, o iniciado teoricamente só conheceria seu próprio instrutor;

– a *Ordo Templi Orientis* (O.T.O.) – uma ordem fundada por ex-maçons alemães no início do século XX, tendo como fundador principal Carl Kellner. Essa sociedade tinha grande ênfase em estudos de Magia Sexual, e diz a lenda que o sucessor de Kellner, um homem chamado Theodor Reuss, certa vez visitou Crowley, dizendo que este havia publicado o grande segredo da Ordem em seu livro *The Book of Lies*, “O Livro das Mentiras”, que é um livro de poemas mágicos. Após este encontro, Reuss teria iniciado Crowley na O.T.O., e anos mais tarde, Crowley iniciaria uma série de mudanças dentro dela, fazendo com que a ordem deixasse cada

⁴ SYMONDS, J. 1973 *The Great Beast – The Life and Magick of Aleister Crowley*, Frogmore, Mayflower Books Ltd. p. 173.

⁵ *Ibid*, p. 277

vez mais de lado seu caráter Maçônico, e adotando cada vez mais a postura de uma ordem iniciática baseada na Lei de Thelema. Todo o processo de mudança que Crowley produziu, chegando a ser Grão-Mestre da ordem, causou muita desavença e repartições dentro da ordem. Até hoje, esta história é deveras confusa, e faltam muitos dados para compreendê-la com maior exatidão. Contudo, para entendermos melhor a função da O.T.O. como corpo iniciático, basta dizer que Crowley a considerava como um “instrumento físico” para uma ordem muito maior, a A.º.A.º.

A THELEMA PÓS-CROWLEY

Após 1947, o ano em que Crowley morreu, a Thelema sofreu mudanças muito profundas, e o maior exemplo dessas alterações pode ser notado pela O.T.O.. Após sua morte, o sucessor foi um homem chamado Karl Germer, alto iniciado, que Crowley indicara em seu testamento como sucessor.

Quando Germer faleceu em 1962, seu testamento era muito confuso. Ninguém sabia dizer com certeza quem deveria ser o novo Grão-Mestre da O.T.O., e o resultado disso foi que vários passaram a se proclamar os novos Líderes Mundiais. Os grandes destaques de todo esse processo são Kenneth Grant na Inglaterra, Grady McMurthy nos Estados Unidos, Hermann Metzger na Suíça, e Marcelo Ramos Motta no Brasil. Como não nunca houve consenso sobre quem era o verdadeiro líder mundial, o resultado foi que novos ramos independentes de diferentes O.T.O.s foram formados.

De todos os ramos pós-Crowley que surgiram, não posso deixar de mostrar especial interesse na *Typhonian Ordo Templi Orientis* (O.T.O. Tifoniana), que é o ramo da O.T.O. formado por Kenneth Grant pouco antes da morte de Karl Germer. Tendo não apenas Crowley como base teórica, mas também as obras de um outro mago inglês chamado Austin Osman Spare (1886 – 1956), o criador de um método chamado de “Magia do Caos”, a O.T.O. Tifoniana abrange uma série de tipos de rituais, ao mesmo tempo que tomou como desnecessária a reunião periódica pessoal de seus adeptos. Adotando assim uma postura muito próxima da *Astrvm Argentvm*, os que participam deste corpo iniciático não possuem rituais e encontros regulares. Contudo, ao contrário da A.º.A.º., é muito mais fácil identificar os membros da O.T.O.T., especialmente devido à Editora Starfire, que é a editora vinculada à ela, publicando vários livros de cunho thelêmico dentro da corrente tifoniana.

Mas o que torna a O.T.O. Tifoniana interessante é realmente o modo como Grant combinou os trabalhos de Crowley com os de Spare. A Magia do Caos de Spare possui a seguinte premissa: todo sistema de crença deve ser derrubado. Contudo, quando se deseja realizar um ritual mágicko para atingir determinado objetivo, o magista deve criar um “espaço temporal de crença”, entrando em um estado mental de caos, e desenhar sigilos que expressem aquele objetivo, através de concentração mental pós-Caos. Após a realização do sigilo, o magista pode deixar de crer no próprio sistema construído, pois o “processo mágicko” já está operando em seu inconsciente.

Após a morte de Spare, um ocultista chamado Peter J. Carrol, na Inglaterra, passou a desenvolver um sistema próprio de Magia, muito influenciado por Spare, chamado de KAOS Magick. Carrol tem vários livros sobre o assunto, e suas idéias parecem ser uma evolução natural dos escritos de Spare – especialmente no sentido de adaptação tecnológica.

Já sobre a Thelema em si, Crowley ficou muito esquecido durante um bom tempo após sua morte. Mas em 1967, um fato significativo aconteceu: os Beatles lançaram seu disco *Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club*

Band, e Crowley aparecia na capa. Este foi o primeiro impulso que fez com que Crowley se tornasse um ícone para muitos do movimento hippie e Nova Era, que viria logo a seguir – mesmo que muitas idéias desses movimentos fossem contra alguns preceitos dele.

Fora os Beatles, o guitarrista do Led Zeppelin, Jimmy Page, dizia publicamente ser um grande fã da obra de Crowley, tendo inclusive muitos livros dele e até mesmo a casa no lago Ness, que pertencera ao mago antigamente. Não muito depois disso, o cantor Ozzy Osbourne também tornava Crowley mais famoso ao lançar uma música com o seu nome.

Após os anos 70, o interesse do público pelo mago inglês foi diminuindo novamente, e nos anos 80 e 90 pouco era falado. No entanto, nota-se a partir do ano 2000 um novo interesse pelas obras de Crowley. Seus livros estão voltando a serem editados, novas obras estão sendo lançadas, e toda uma nova geração de thelemitas parece surgir.

A INFLUÊNCIA DA THELEMA EM OUTROS MEIOS ESOTÉRICOS E NO BRASIL

É muito claro notar a influência que a Thelema causou em tantos meios Esotéricos. Se tomarmos por exemplo o Satanismo de Anton LaVey, e a fundação da sua Igreja de Satã, nota-se claramente que LaVey utilizou-se dos conceitos de Vontade e Magia de Crowley, utilizando inclusive a mesma idéia de que todo ato em conformidade com a Vontade é um ato de Magia. A mesma noção de relação entre Vontade e Magia encontra-se na sociedade mágica sueca *Dragon Rouge*, e tantas outras. Alguns pesquisadores concluem também que Gerald Gardner, o fundador (ou responsável pelo ressurgimento) da *Wicca*, fora influenciado pelas idéias de Crowley.

No caso do Brasil, podemos citar a vinda da *Fraternitas Rosicruciana Antiqua* (FRA), uma tradicional sociedade Rosacruz fundada pelo médico e oculista alemão Dr. Arnold Krumm-Heller, e que se instalou no Rio de Janeiro em 1933. A FRA é reconhecida como sendo a primeira sociedade mística a trazer a Thelema ao Brasil, mas sua relação com a Thelema ainda é pouco conhecida aos que não fazem parte dela. Há muita especulação, mas poucas provas concretas.

Apesar desta falta de informações, é conhecido que um homem chamado Marcelo Ramos Motta fora membro da FRA, e é a partir dela que ele passou a conhecer a Thelema. Nascido em 27 de junho de 1931 na cidade do Rio de Janeiro, Motta é conhecido como sendo o primeiro thelemita brasileiro a divulgá-la publicamente no Brasil.

Anos após sua associação na FRA em 1948, viajou para a Europa e logo em seguida para os EUA. Lá, entrou em contato com as obras de Crowley, as quais lhe foram devidamente introduzidas por intermédio de Parzival Krumm-Heller, herdeiro e substituto de Arnold Krumm-Heller, o que o levou a entrar em contato com Karl Germer, o até então grão-mestre da O.T.O., discípulo e substituto de Crowley (que falecera em 1947).

Anos mais tarde, ao retornar ao Brasil, Motta publicou em 1962 seu primeiro livro de cunho thelêmico, um manifesto intitulado *Chamando os Filhos do Sol*, no qual ele convocava todos os “guerreiros do Rubi e Ouro” a unirem-se à ele.

Fica claro então que a Thelema realmente adentrou aos meios esotéricos brasileiros com maior efetividade a partir de 1962, mas ainda assim com muita restrição. Seguidas desavenças, especialmente entre Motta e seus discípulos, resultaram na formação de diversas linhas e grupos thelêmicos dispersos. Entre estes discípulos, destaca-se o Sr. Euclides Lacerda, autor de uma série de livros de cunho thelêmico, autenticamente brasileiros, que apesar de ter se separado de Motta muito cedo, contribuiu muito para o cenário thelêmico brasileiro.

A Thelema ganhou grande notoriedade pelo público brasileiro devido dois discípulos de Euclides, que nesta época ainda mantinha contato com Motta. Os discípulos eram Paulo Coelho e Raul Seixas. O primeiro é criticado por muitos thelemistas como sendo um “traidor” dos ideais thelêmicos, pois voltou para a Igreja Católica, além de distorcer e difamar a obra de Crowley; o segundo é tido como um grande divulgador da Lei, mas que nunca deixou de ser Probacionista.

Raul Seixas escreveu uma série de músicas com temática thelêmica. Entre elas, destacam-se *Sociedade Alternativa*, *Novo Aeon* e *A Maçã*. Estas duas últimas, por sinal, foram escritas em parceria com Marcelo Motta.

Motta faleceu em 1987. Sua história de vida, e todo seu trabalho com Thelema no Brasil, são de fundamental importância para a compreensão do que ocorre até hoje no cenário thelêmico aqui. Contudo, justamente por sua história ainda ser muito recente, é muito difícil obter informações concretas sobre todo o processo que ocorreu desde 1962 até os dias de hoje, justamente pela série infindável de conflitos que a Thelema parece ter causado em meios esotéricos brasileiros.

UMA ANÁLISE PÓS-MODERNA

Minha hipótese é de que a Thelema de Crowley parece ser uma clara indicação ao emergente espírito da pós-modernidade no campo religioso, que já aparecia no início do século XX, e pode ser muito bem ilustrado pelo pensamento de Nietzsche, por exemplo, quando este pronuncia uma de suas mais famosas idéias: “Deus está morto”.

Cabe citarmos aqui Michel Maffesoli, o sociólogo francês que, citando Fernando Pessoa, exprime em seu *Manifesto da Pós-Modernidade* o desejo do retorno do “paganismo como um princípio vital”.

Segundo Maffesoli, um dos princípios necessários para se entender o espírito da pós-modernidade é “entrar em sintonia com a plasticidade das coisas”, e “captar o dinamismo interno dominante na vida social”. E neste ponto, vale lembrarmos dos axiomas thelêmicos “Amor é a Lei, Amor sob Vontade”, e a definição de Crowley para “Amor”:

Nós aceitamos Amor como o significado de Mudança, Mudança sendo a Vida e toda a Matéria existente no Universo. E nós aceitamos Amor como o modo de Movimento da Vontade para Mudar. Para nós, todo ato, que implica em Mudança, é um ato de Amor. A Vida é uma dança de deleite, seu ritmo um infinito êxtase que nunca se torna cansado ou monótono.

Se pensarmos então nas bases metodológicas da Thelema, especialmente nas que primam pela necessidade da experiência como base de conhecimento, o pensamento crítico, o ceticismo, a metodologia científica (nos termos thelêmicos), e a própria ênfase na questão da Magia Sexual, que implica uma necessidade da própria liberação sexual, encontram muita ressonância com a mentalidade contemporânea.

Ainda assim, é inegável o fato de que Crowley ainda acreditava em determinadas metodologias mais “duras”. A sua credulidade no campo científico, por exemplo, ainda que sua noção de ciência não fosse a mesma que é aceita pela comunidade científica, era ainda uma reminiscência do Iluminismo Científico, da idéia de que a Ciência salvaria o homem. Desse modo, Crowley refere-se constantemente à sua Thelema como sendo uma união entre Ciência e Religião, acreditando que ao se adotar um método cético de observação científica, através de incessantes experiências devidamente registradas em diário, poderia se atingir uma espécie de iluminação, de natureza naturalmente religiosa. Esse tipo de fé na Ciência hoje em dia é questionado por muitos, especialmente em alguns círculos esotéricos.

Apesar disso, Crowley estabeleceu pré-modelos de crença religiosa que parecem se adaptar muito facilmente com a mentalidade pós-moderna. O “simples” fato de Crowley montar um sistema em que qualquer panteão divino pode ser utilizado já demonstra o seu caráter panteísta, no sentido de acreditar que todos os mitos religiosos podem ser expressões de uma realidade extra-sensorial, e que não importa os símbolos utilizados – todos levam a uma determinada experiência que demonstram a condição divina do homem. Segundo o próprio Crowley, baseando-se no Livro Egípcio dos Mortos, “não há parte dos Deuses que também não sejam de nós”.

Se tomarmos então por base outro pensador pós-moderno, colega de Maffesoli do Círculo de Eranos, o psicólogo arquetípico (pós-junguiano) James Hillman, notamos ainda mais claramente essa tendência politeísta em Crowley como sendo um embrião para o pensamento pós-moderno religioso. Hillman classifica sua psicologia arquetípica como uma “psicologia politeísta”, no sentido de que torna o mundo “animado”, ou seja, “cheio de alma”. O mundo inteiro passa então a ser governado por objetos vivos, cujas funções devem ser compreendidas através dos mitos e deuses.

Apesar desta atitude politeísta soar como estritamente religiosa, o caráter psicológico adotado por Hillman é de que os mitos, e os sistemas de crença em geral, devem sempre ser utilizados como “metáforas de realidade”, um “como se”, muito próximo assim do atual paradigma pós-moderno, no qual a noção de “verdade” acabou por perder força, dando lugar para uma análise mais relativista do mundo.

Se fizermos um paralelo aqui da idéia que Crowley tinha, de que todos os sistemas religiosos seriam diferentes expressões de uma mesma realidade interna, deixando de lado a necessidade de um enrijecimento simbólico doutrinário, teremos um interessante exemplo de “desliteralização” da realidade, ao mesmo tempo que se assume os mitos e Deuses como formas de expressão da alma humana, auxiliares para a compreensão da própria psique. Se trouxermos para análise o trabalho de Spare e Grant, e as evoluções do pensamento de Crowley por outros adeptos, especialmente a linha de KAOS Magick, essa atitude de desliteralização doutrinária torna-se ainda mais evidente.

Concluindo, fica-nos claro que o pensamento de Crowley ainda é muito recente, e que apesar do crescente interesse em suas obras, somente o tempo nos dirá se a Thelema se desenvolverá e ganhará status e reconhecimento como nova religião. Ainda assim, parece natural que, em nossos dias, e especialmente a forma como o comportamento ocidental vem se mostrando, a Thelema cresça cada vez mais, principalmente pelo sincretismo religioso e a estrutura epistemológica, que permite que várias imagens religiosas sejam agregadas, sem causar grande tensão. Fora isso, em tempos tão individualistas como o nosso, uma religião que diga a seus adeptos que eles são em si “Deuses” poderá ter grandes chances de ser bem aceita.

Há muito preconceito e desinformação acerca da figura de Crowley, o que o impede de que se torne melhor conhecido. Com o tempo, é possível que essa má fama possa se desfazer, especialmente se pensarmos que as atitudes que Crowley tomava e o tornavam uma figura renegada da sociedade de sua época (seu hábito com drogas, bebidas, seu interesse pelo oculto e sua homossexualidade) são hoje aspectos que já não causam tanto choque. Mesmo assim, muitos thelemitas costumam dizer que consideram “Crowley” e “Thelema” como duas coisas distintas, sendo que aquele seria apenas instrumento para a divulgação da Lei. Seja como for, Crowley foi, sem dúvida, um pensador muito interessante sobre religião no século XX, e sua Thelema encontra muita ressonância com o pensamento contemporâneo.